

Por: [Eliana Rezende Bethancourt](#)

Sons, telas, toques, luzes, imagens, palavras.

Um mundo feito de estímulos, desterritorializado e fracionado em ações e reações.

Os deslocamentos cada vez mais significam trafegar por redes, espaços e tempos muito mais do que com os corpos, que presos em meios de transporte estão sempre mais aprisionados do que as mentes, as retinas, a audição.

As narrativas e formas de comunicação, cada vez mais cifradas, ganham na economia silábica sua expressão máxima. As imagens tentam substituir todo um conjunto de ideias que antes precisavam da grafia de alfabetos inteiros.

Com isto temos em formação uma geração que, pela primeira vez, consegue ter cindidos corpo e mente. As relações se desterritorializam, e tempo e espaço ganham uma outra dimensão: se glocalizam! (Isso mesmo, se glocalizam, neologismo para designar local e global ao mesmo tempo, onde território físico não significa.) Ante a avalanche de conteúdos, informações e estímulos encontramos cada vez mais pessoas que vivem o que está se convencendo chamar de: "idade mídia". Relações e vidas constituem-se de formas entrecortadas, cifradas e dispersas. Tecidas pela imediaticidade, estímulos que vem de todos os lados e de complicada assimilação e análise.

O mundo glocalizado a partir de suas redes sociais, numa frase que já esta virando clichê, aproximou pessoas antes separadas por um oceano e cria fissuras maiores que as das Ilhas Marianas entre quatro paredes.

É comum em salas de um mesmo ambiente doméstico cada um estar conectado ao mundo, sem saber o que se passa na mente de quem senta ao lado.

Famílias e jovens não sabem bem como lidar com seus limites de consumo e de possibilidades relacionais. Vive-se com culpa e excessos de todos os lados: pais pela escassez de tempo fornecem aos filhos parafernalias tecnológicas que os mantêm ocupados e distraídos.

Duas palavras talvez sejam fundamentais em todo este processo: fracionamento e aceleração. Dessa matemática feita por duas variáveis, temos como resultante a imediaticidade.

Corpos e mentes fragmentados em seus espaços físicos, mentais e emocionais, em geral a mercê de estímulos de todas as ordens e uma profunda dificuldade de reunir e sintetizar percepções de forma mais elaboradas e consistentes.

As sociabilidades ganham com isto, também, uma nova forma de entender realidade, até então tradicionalmente concebida como territorialidade, ligada essencialmente ao espaço geográfico, local, material, presença e de convivência; encontra agora o conceito de tele realidade, onde a realidade pode ser experimentada de um outro ponto de vista de espaços e tempos. As redes e seus meios de comunicação colocam a possibilidade de tele (vivências), desmaterialização, globalidade, distância. Tudo em tempo real. Existir ganha um novo sentido.

Segundo Rubim (2000):

*“(...) A singularidade dessa nova circunstância societária vai incidir nas cruciais questões da realidade e da existência. Essa dupla composição “fragmenta” a realidade contemporânea em uma realidade contígua, (con)vivida no entorno por cada indivíduo, em uma realidade remota, porque não inscrita no mapa de proximidades, agora tele(vivida) planetariamente e em tempo real como teler realidade (...)*

*“(...) O caráter composto da realidade na contemporaneidade possui outra significativa consequência: ele impõe o descolamento entre existência e o existir publicamente. Hoje, a mera existência física já não assegura um existir social, expediente automático em uma sociabilidade de tipo comunitário, na qual a existência física e pública praticamente coincidem, pois a contiguidade do território, a exigência da presença e as dimensões possíveis do mundo garantem o compartilhamento, o movimento de tornar comum coisas e pessoas, enfim a publicização. Nesta circunstância societária existir fisicamente significa, sem mais, ter existência pública. (...)”*

Essa cisão entre real e virtual, público e digital talvez seja o maior de nossos desafios. As

existências se multifacetam, ao mesmo tempo que cindem corpos, almas, sociabilidades, pessoas...

Nem bom nem mau em si. Apenas uma nova forma de relação com tempo, espaço e estímulos.

De tantos fragmentos e estilhaços movidos em velocidade e em substituição constante é que nossos adultos do futuro serão formados. Dispersão e em vários casos dificuldade de estar profundamente absorto e comprometido com algo, passa a ser um desafio para cada um.

Em verdade o que temos são verdadeiros caleidoscópios de relações efêmeras.

Fica o desafio:

Como usar e potencializar todas essas habilidades de um mundo feito de tantos estímulos em prol de melhores adultos?

Referência:

Rubim, Antonio Albino Caneias. "A Contemporaneidade como idade média". [[link](#)]:

\*

Post publicado originalmente no meu Blog: o [Pensados a Tinta](#) e no meu Portal, a [ER Consultoria | Gestão de Informação e Memória Institucional](#)